

"Coragem grande é poder dizer sim."

(Caetano Veloso)

Apresentar Serge Leclaire é provavelmente excessivo, uma vez que esse autor conquistou o reconhecimento que dispensa apresentações, aquele que decorre da qualidade e abrangência da sua produção. Pode-se, entretanto, sublinhar que seus trabalhos sempre tiveram como ponto de partida as questões clínicas e metapsicológicas que corriam o risco de serem "domesticadas" em questões retóricas.

É assim que podemos revisitar o autor, com prazer, em seus livros bastante conhecidos: *Mata-se Uma Criança*<sup>1</sup>, cujo pano de fundo (véus?) d'A Mulher recebe uma resposta lúcida: um estudo sobre o narcisismo primário, e a pulsão de morte; também em *O Corpo Erógeno*<sup>2</sup>, no qual o Complexo de Édipo ultrapassa o risco de ser tomado como um teatro de sombras, ou ainda *Desmascarar o Real*<sup>3</sup>, onde se desmagnifica a Castração de seu efeito paralisante de estetização do horror. Vamos reencontrar aí a clareza e a integridade clínica, o rigor teórico renovador - tão diferente da severidade estereotipada - e a disposição para a interlocução com seus pares: os psicanalistas.

Porém, se essas qualidades já bastariam para fazer jus ao reconhecimento obtido pelo autor, há um traço que subsiste em toda sua obra e que é desejável assinalar para melhor dimensioná-la: trata-se da dimensão política em Psicanálise, questão em geral remetida a uma discreta sombra de bastidores, quando não claramente obscurecida pela depreciação ou banimento daqueles cujas vozes procuravam

## De uma impertinência singular: chamado à psicanálise da paixão psicanalítica

*Resenha de Serge Leclaire, Un encantamiento que se rompe: cuestionamiento del hechizo psicoanalítico, Barcelona, Gedisa, 1983, 237 p.*

articular aquilo que do político atravessa a psicanálise. Quer se trate das relações da teoria e da prática psicanalíticas com a sociedade abrangente - como por exemplo se verificou na questão Reich/Freud -, quer se trate da relação dita interna à instituição psicanalítica, quanto aos impasses de hierarquização, poder e liberdade - como se encontra em questões suscitadas por Tausk, Ferenczi e outros - já se pode reconhecer que não é recente em psicanálise esse modo de operar com a dimensão política, tornando-a ilusoriamente inoperante.

De muitas maneiras, os psicanalistas estiveram confrontados com questões éticas no interior de suas associações e também relativas às circunstâncias históricas da sociedade abrangente, da qual fazem parte. Com raras exceções, representadas por respostas problematizadoras da psicanálise e da sociedade<sup>4</sup>, e muitos extravios (expulsões, exílios, suicídios), a resolutividade desses conflitos no âmbito intrínseco às diversas associações que conformam a instituição psicanalítica vem se dando por uma redução ideologizante da Psicanálise.

O trabalho psicanalítico que Serge Leclaire leva a cabo em *Un encantamiento que se rompe* -

cessão buscassem revelar ou indicar "um progresso e desenvolvimento" seja da teoria, seja da clínica ou do autor.

As noções de "progresso e desenvolvimento", tão caras à psicanálise e aos psicanalistas, não encontram lugar em seu pensamento agudo. O mesmo se dá com as correlatas "noções" de sucesso (pessoal) e verdade (da teoria) que poderiam compor um quadro da psicanálise como procedimento para se "viver melhor". O ideal acomodatório de viver melhor recebe dele o tratamento psicanalítico que lhe corresponde: é tomado como "sintoma" e, como tal, ... analisado. É assim que, por exemplo, em "Do desejo dos anjos ou a felicidade considerada como contra-fantasma", podemos acompanhá-lo em rigoroso trabalho clínico cuja delicadeza nos possibilita acompanhar as vicissitudes da análise de seu paciente Félix, que vai se curando de sua felicidade de bom moço e abrindo-se para as vias perigosas do desejo e do prazer. Ou então, por exemplo, em "O inconsciente, outra lógica", texto no qual trabalha com precisão o inconsciente a partir do vértice metapsicológico, onde afirma que "pela boca do que fala e para aquele que sabe ouvir, o que se diz não é somente, como muitos se comparam em acreditar, os reveses e os 'fracassos' de uma história individual ou familiar, porém uma palavra ligada por todas as fibras à história do mundo que a atravessa".

Diferentemente, portanto, de uma resposta fácil de antagonização ao ideal de "viver-melhor", resposta essa que poderia ser sintetizada por uma afirmação do "desejo de nada" ou por um solene e falastrão discurso de "melhor seria não ter nascido", o autor se dispõe a questionar o próprio movimento onde está inserido. Dispõe-se a desmistificar (desencantar) as formulações conceituais

elevadas à categoria de dogmas religiosos e a senhas de pertinência e exclusão, que são reconhecidos por ele como responsáveis pelo fechamento e cristalização da psicanálise num "estado incestocrático".

É com esse fio condutor que o livro é publicado. Os artigos e conferências aí reunidos obedecem ao desvelamento dessa ordem: estão reunidos em grupos de encantamento re-lidos *a posteriori*, e assinalam tanto as marcas de abertura das problemáticas como também as marcas de uma sistemática operação de enclausuramento; à maior precisão conceitual corresponde uma maior transformação da linguagem psicanalítica em saber instrumental e instrumentalizador de uma prática cujas conseqüências clínicas são as da alienação, e as conseqüências sociais, as de sujeição.

À pergunta: "o que resiste?", o autor nos responde e, fundamentalmente, responde a si próprio: o que resiste é uma "paixão secreta, um culto cada vez mais vivaz do ídolo narcísico".

Mas: o que resiste, onde?

A psicanálise resiste ao seu próprio movimento: na clínica, quando a escuta se acomoda aos seus saberes pré-fabricados; na teoria, quando os conceitos perdem sua dimensão de abertura na incompletude; na instituição psicanalítica, quando a ordem e a disciplina se sobrepõem ao pensamento e à interlocução.

É então, na análise da resistência da instituição psicanalítica ao próprio movimento de abertura ao inconsciente e ao mundo, que Le-

clair vai orientar esse trabalho de publicação. Torna públicos os "Encantamentos Caseiros".

Os textos "Heimlichkeiten" e "Uma carta" põem em circulação as discussões, ou a ausência de discussões, a partir dos pontos nodais daquela associação naquele momento histórico, relativos à questão da "autorização" do psicanalista. São os textos iniciais do livro, porém os textos "finais" de uma trajetória prévia - que se faz mais nítida em "Encantamentos da polêmica". Aí, reunidos desde os primeiros até os mais recentes artigos, Leclair aborda os eixos do desejo do analista, do lugar do analista, do objeto na cura. Porém, como sempre sua abordagem é polemizante e questionadora, pode-se acompanhar (ou prever?) o desenlace final: ser posto fora-da-cena.

É em "Argumentos, Panfletos e Declarações" que os níveis documentais desse trabalho de análise podem ser verificados. A questão manifesta é a afirmação do lugar da escrita psicanalítica enquanto escrita matemática, lugar quase sacralizado para a escrita e lugar sacralizador da psicanálise. A isso,

Leclair contrapõe seus argumentos a favor da tomada dos matemas enquanto grafites.

Mais que resposta irônica ou herética à questão, é ao impulsionamento do resgate da palavra em psicanálise como matéria viva que ele se dispõe a proceder. Matéria viva porque implica o analista em um vínculo de desejo com o paciente, e em um vínculo de desejo com o mundo; palavra que está em jogo e palavra que põe em jogo os destinos de quem a pronuncia.

Sua palavra não foi recebida. Em resposta ao pedido de inscrição do seu trabalho sobre esses temas, em seminários da Escola Freudiana de Paris, recebeu de Lacan a resposta: "ESTÁ FORA DE QUESTÃO" apresentar tal trabalho no

interior daquele espaço.

O livro que aqui resenhei é a resposta do autor ao "FORA DE QUESTÃO". A questão foi levada para fora; fora-da-cena fechada onde se desenrolava esse teatro de sombras, em busca de outra interlocução que devolvesse à psicanálise seu poder de desencantamento do mundo e de desencantamento do "si-mesmo".

Finalizando seu livro, Leclair interroga: "Parece-me que o 'fato social' não é outra coisa senão o que se produz no encontro de corpos e de palavras, de personas, mais que de indivíduos, o que resta de memórias de esquecidos. É outro-discurso de palavras-atos o que temos de por em obra: em minha história foi a psicanálise que me impulsionou a isso: e para vocês?".

Fiquemos por aqui, com essa interrogação.

#### Notas

1. Leclair, S. Mata-se uma criança - um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
2. ———. O corpo erógeno - uma introdução à teoria do complexo de Édipo. Rio de Janeiro, Chaim Samuel Katz, 1979.
3. ———. Desencascar lo Real. Buenos Aires, Paidós, 1982.
4. Cerqueira Fo., G. (org.) Crise na psicanálise. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

Maria de Fátima Vicente é psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.